

O lugar como ponto de partida identitário na criação da arte das Novas Tecnologias Comunicacionais

Claudia Sandoval Romero *
Universidade de São Paulo

*Dirección para correspondencia (Correspondence address): Claudia Sandoval ,Rua do Anfiteatro,
200. Bloco C. Ap. 305. CRUSP. São Paulo. SP. CEP 05508-030. (Brasil).
e-mail: claudia.sandoval@usp.br

Abstract

The current essay pretends to create a relation between the place as an identity starting point from which emerge inquiries to consider at the creation of art inside the New Communication Technologies (NCT). The proposal emphasizes in the cases such as the one of Latin-America, where the place is considered as a periphery aside from hegemonic centers. Pondering diverse authors, mostly Brazilians, the local scenario is portrayed and analyzed.

Key words

Local, Webart, Latin-America, Periphery.

Resumo

O seguinte trabalho pretende criar uma relação entre o lugar como o ponto de partida identitário, a partir do qual se erigem questões para ter em conta na criação da arte das Novas Tecnologias Comunicacionais (NTC). A proposta faz ênfase nos casos como o da América Latina em que o lugar é considerado como uma periferia por fora dos centros hegemônicos. Fazendo um percurso pelos diversos autores, principalmente os Brasileiros, se retrata e analisa o cenário do local.

Palavras chave

Local, Webart, América Latina, Periferia

Resumen

El presente ensayo pretende crear una relación entre el lugar como un punto de partida identitario a partir del cual emergen cuestiones a considerar para la creación de arte en las Nuevas Tecnologías Comunicacionales (NTC). La propuesta hace énfasis en los casos como el de América Latina en donde el lugar es considerado como una periferia por fuera de los centros hegemónicos. Haciendo un recorrido por los diversos autores, principalmente brasileños, se retratar y analiza el escenario de lo local.

Palabras clave

Local, Webart, Latinoamérica, Periferia

Introdução

Para Arlindo Machado (2007:54-56) a arte do contexto contemporâneo pouco se posiciona criticamente em relação ao contexto social, deixando de lado sua perspectiva mais radical. Para o autor, as novas tecnologias eletrônicas parecem mais falar de perícia profissional e de habilidades técnicas arriscadas, substituindo interrogações mais profundas e dramáticas sobre nosso tempo. A discussão estética foi quase inteiramente substituída pelo discurso técnico e contrário à procura por idéias criativas, pela subversão das normas e pela reivindicação da vida, na arte feita com as Novas Tecnologias Comunicacionais (NTC) se discutem algoritmos, *hardwares* e *softwares*. Para o autor se faz necessário restabelecer o *link* entre a atividade criativa e o inconformismo na arte contemporânea, o qual foi cortado por teses sem sentido sobre o momento pós-moderno.

É como se na própria produção artística contemporânea se deslegitimara à arte mesma e seu valor social, relegando-a ao plano da frivolidade e aos jogos prazerosos. Para Machado, as questões sociais deviam estar refletidas na arte feita a partir destes contextos, servindo de problematizadora de problemas como as novas formas de dominação baseadas em gênero, classe, raça ou nacionalidade, assim como na criação de uma crítica das guerras imperialistas, dos genocídios, do terrorismo, da migração internacional e da intolerância com relação aos estrangeiros, entre outros. Também o autor faz uma chamada a uma arte como crítica da vigilância universal, da globalização predatória, da espetacularização da vida e da degradação ambiental.

O teórico pede da arte feita nas novas formas de engajamento social baseadas nas redes telemáticas, na utilização de sistemas de distribuição multiusuários, a criação de obras colaborativas realmente coletivas e a busca de novas políticas do corpo e a expressão de identidades culturais diferenciadas (Machado, 2007:57).

Para descobrir o ponto a partir do qual os artistas das NTC devem se posicionar para continuar com o labor crítico da arte, se faz imprescindível descrever o contexto social com o qual estão lidando. Isto é, descrever o ponto de partida local, ou parte fundamental da identidade a partir da qual se aproximam tanto às novas tecnologias, quanto ao cenário global da arte.

I

Faz-se importante nos deter na problematização do contexto socio-tecnológico atual, sobre o qual, como bem o apontava Machado, é necessário que a arte se pronuncie, não só dando mão às posições otimistas como nutrindo o debate com sua polarização, isto é, como discute Laymert Garcia dos Santos, “politizando as novas tecnologias”.

Para autores como Milton Santos (2000) as possibilidades da globalização ainda são por todos usufruíveis se recompomos uma globalização que está nos unificando em função de poucos atores e não nos integrando efetivamente.

No contexto contemporâneo há uma glorificação dos produtos e dos benefícios do progresso tecnológico promovidos pelas estratégias de *marketing* o que tenta se contrapor a uma crítica dos riscos na adoção da estratégia de aceleração tecnológica total. A questão tecnológica em toda sua complexidade não tem sido discutida amplamente em suas relações com a ciência e com o capital. Esta discussão abrangente se faz necessária contrária, à permissão de que seja só tratada no âmbito das políticas tecnológicas dos Estados ou das estratégias das empresas transnacionais, isto é, que continue sem ser questionada pelos diversos fatores sociais. “As opções tecnológicas são sempre questões sócio-técnicas, e devem ser encaradas pela sociedade como de interesse público” (Garcia dos Santos, 2003:11-12).

Faz-se imprescindível discutir também politicamente as novas tecnologias mesmo desde a arte para não cair em manipulações. Devemos reconhecer nossa deslocação em relação aos centros hegemônicos econômicos e tecnológicos como países da América Latina que estão por fora geograficamente dos países produtores de tecnologia e ao interior dos quais o acesso aos bens tecnológicos é ainda seletivo e discriminatório. A discussão deste deslocamento e desta diferença redundaria como uma caixa de ressonância a experiências e pensamentos independentes, problematizadores e divergentes, que acontecem, ainda que marginalmente, em várias partes do mundo, sobre tudo fora dos centros hegemônicos (Machado, 2007:31).

O debate deve ser pronunciado se não quisermos colaborar com o aumento irreparável das diferenças sociais a nível mundial, deixando-

nos estas por fora, mais ainda se as dinâmicas sociais dentro do universo virtual têm se perfilado desde sempre como um evidente sistema excludente por não poder incorporar a todos no universo dos consumidores (Garcia dos Santos, 2003:125).

Ante este contexto a arte também deve cumprir com uma função crítica, considerando que nosso jeito de sermos cidadãos dentro da aldeia global deve ser também definido, já que é esta nossa relação com o mercado, a que faz com que sejamos ou não parte dos sem: sem-terra, sem-teto, não-pessoas sociais, sujeitos monetários sem dinheiro (Kurz apud Garcia dos Santos, 2003:128). É esta cidadania-consumo e suas estratégias as que decidem não só nossa identidade social quanto nossa sobrevivência ou não. Tanto a sobrevivência ou não da arte.

É a partir das problemáticas deste contexto que a definição do local cobra importância, com a intenção de demarcarmos um território a partir do qual nos posicionamos como sujeitos sociais do novo cenário global, ou corremos o risco de perdermos não só dos benefícios da nova sociedade, como de isolarmos ao ponto de nossas economias ficarem em grave crise e desaparecermos não somente simbolicamente, questão que compete à identidade e à arte diretamente.



↑ Mapa Global de Caloto, Colombia.

É ante isso que a arte deve também reconhecer sua posição já que nos achamos por fora dos benefícios gerais da rede, falam-nos as cifras, e o prevemos desde a impossibilidade do acompanhamento das dinâmicas da web, a partir dos centros periféricos, como é o requerimento de velocidade. Esta dimensão desde outro ponto de vista também nos marginaliza. No contexto das novas desigualdades, a velocidade é erigida sobre dinâmicas capitalistas excludentes. Ela leva implícito o domínio de saberes simbólicos que facilitem a manifestação individual, grupal, empresarial e institucional do social em rede.

Ser veloz significa no contexto contemporâneo a competência econômica. Esta velocidade é orientada para a posse das senhas infotécnicas sem as quais é impossível o acesso à época, assim como o domínio das linguagens informáticas que estão sempre em mutação e a capacidade econômico-cognitiva de acompanhamento da lógica de mutação daquelas senhas. Desta maneira o “dromoinapto”, ou aquele que não consegue seguir o ritmo veloz do ciberespaço, é rejeitado e morto posteriormente no simbólico (Trivinho, 2007:72-107).

A supervivência passa hoje obrigatoriamente pela capacidade que indivíduos e populações têm de se inserir no mundo das máquinas e de acompanhar as ondas da evolução tecnológica (Garcia dos Santos, 2003:10). A comunidade científica latino-americana ainda não despertou para a particular gravidade “da situação histórica fundada na informatização e virtualização generalizadas dos processos e relações sociais” (Trivinho, 2007:135). Precisa-se da desconstrução da cultura mediática avançada. Está ela órfã de qualquer sinal social e político de solução a curto, médio e longo prazo permitindo com que o neoliberalismo estatal e empresarial, a globalização de trocas econômicas e financeiras, e o advento de uma hierarquia invisível baseada na lógica dos acessos e as formas, intensifiquem a segregação social (Trivinho, 2007:135).

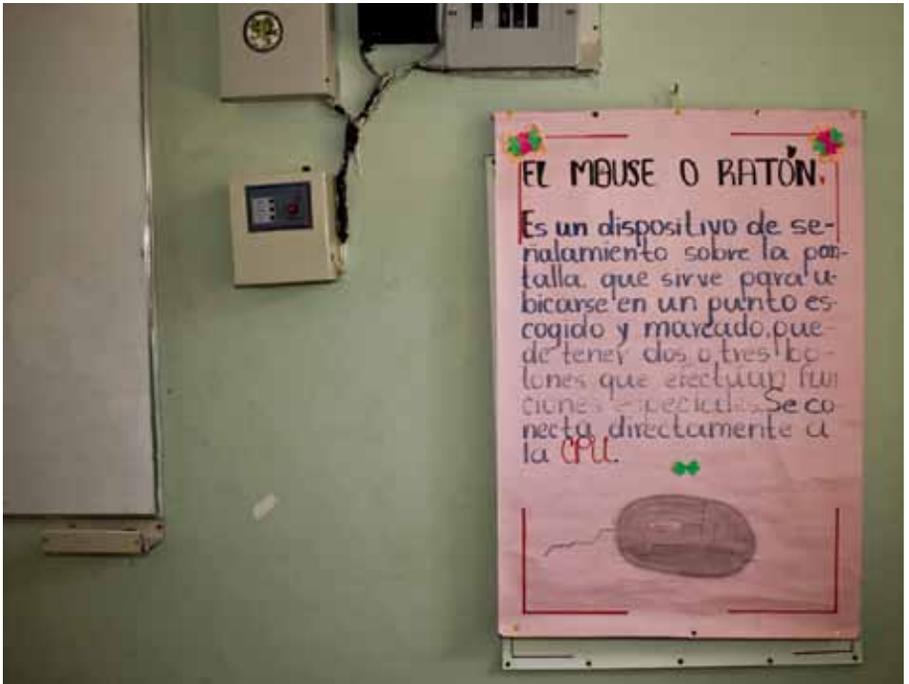
A postura dos artistas que produzimos nosso trabalho desde a América Latina deve encarar um contexto tecnológico que está fora dos centros hegemônicos produtores de tecnologia e fortemente estruturados economicamente (Machado e Garcia dos Santos). Tal postura deve também fazer parte das minorias que não conseguem acompanhar a vertiginosa velocidade do universo virtual (Trivinho) por ser esta a realidade em cifras do cenário latino-americano em

geral.

Enfrentar o contexto para delimitar uma identidade artística é fundamental na produção de trabalhos de arte honestos e conscientes. Faz-se então imprescindível uma análise da ideia do local, considerando sua complexidade e as modificações deste conceito no contexto contemporâneo.

//

Posterior à análise geral do contexto tecnológico descobrimos a problemática de encontrarmos numa posição desvantajosa ao estarmos deslocados geograficamente dos centros produtores. Isto faz com que seja necessário pontuar as novas dinâmicas sob as que vivenciamos nossa identidade, isto é, nosso sermos locais.



Ainda que as novas dinâmicas sociais no virtual não tenham feito outra coisa do que trazer para um novo ambiente a marginalização dos setores economicamente menos favorecidos, desenvolvendo um processo de homogeneização em que os que não tinham voz só

continuam sendo silenciados, devemos por outra parte considerar que a magnitude da apropriação do virtual é tal que estes setores periféricos têm igualmente se aproximado, apropriando-se do global. Como anota Moacir dos Anjos (2005:11) não acontece uma globalização unilateral no processo de homogeneização cultural. A idéia de uma “McDonaldização” do mundo descon sideraria a complexidade de mecanismos de reação e adaptação das culturas não-hegemônicas ao impulso de anulação das diferenças que a globalização engendra. Pelo contrário, estas culturas periféricas têm promovido formas novas e específicas de pertencimento ao local, criando articulações inéditas com o fluxo global de informações (Dos Anjos, 2005:11).

O território dentro do qual o local vivenciava-se se recompõe hoje, a partir da perspectiva da globalização, graças às aproximações simbólicas. À forte sensação de perda de território e ao apagamento de fronteiras da cultura contemporânea se soma o que o sociólogo Anthony Giddens vai chamar de “desencaixe” (apud Lemos, 2007:6). Ao mesmo tempo o forte processo de desterritorialização sofrido na globalização é contra-restado pela criação de novas territorializações (Lemos, 2007:06). Isto acontece num fenômeno que consiste na reinscrição da territorialidade justamente no momento em que ela é ameaçada de ser apagada (Strathern e Stewart, 1999:41).

Um fenômeno que se apresenta neste contexto é o de diáspora, entendendo-a não como dispersão irreversível de um povo que partilha uma formação identitária específica, mas no sentido de estarmos todos e todas submetidos a ela no contexto do global, sendo que não é mais o território o compartilhado na construção de narrativas de identidades (Dos Anjos, 2005:26).

No global, o constante contato com o outro e com o diferente têm modificado o “local”. Este contato tem se dado pelos fluxos migratórios dos últimos vinte anos, assim como pela comunicação eletrônica (Appadurai, 2004:22).

Por outra parte para Milton Santos (2000) o território é a premissa na condição da vida cotidiana, sendo esta cotidianidade uma contradição que junta os tempos passado com o futuro na figura do presente fugaz. Isto nos obriga a pensar o local através das condições das coisas que nos cercam e limitam no presente, o que nos faz obedecer ou estimular à revolta, com o propósito de construirmos um melhor futuro.

O local é então re-configurado a partir da inclusão de uma interconexão progressiva entre localidades diversas o que força cada comunidade a refazer, continua e criticamente, seus laços imaginados de pertencimento.

O local no contexto atual gera respostas e posicionamentos às tendências homogeneizantes do global. O fluxo mundial de bens simbólicos faz com que os espaços em que se desenrolam ação e pensamento sejam comprimidos e as fronteiras que separam lugares distintos se flexibilizem, promovendo a proposição e a permuta incessantes de posições diferentes do mundo.

Mesmo com os espaços de vida permanecendo fixos, os *locais* vividos, nos quais se articulam e se criam os produtos culturais que registram a individualidade de grupos, sofrem um processo de permanente desterritorialização e estranhamento, de desordem da geografia e de liberdade temporal específicas, em que se fundam e afirmam os sistemas de representação (Dos Anjos, 2005:12-13).

O novo território deste contexto é então uma pequena parcela mutável que está resguardada dentro do imaginário, mais ainda se consideramos que criar um território é, segundo André Lemos (2007a:3-6), se apropriar, material e simbolicamente, das diversas dimensões da vida. Toda territorialização é uma significação do território político, econômico, simbólico e/ou subjetivo. Assim como toda desterritorialização implica uma re-significação das formas de combate frente à inscrição da vida em espaços predispostos.

Estes fenômenos, ainda sem ser novos, têm se radicalizado com a aparição das NTC, as quais aproximaram como nunca antes o local com o global, mudando-os. Não obstante, a vida social deve ser entendida como mobilidade e fluidez e não como arquitetura fechada. A dinâmica da sociedade se estabelece mais por movimentos de fuga do que por uma essência imutável das coisas. Esta perspectiva, junto com a idéia de re-apropriação do global pelo local, tira o peso do inelutável processo sofrido na confirmação dos novos territórios. O que interessa são estes processos e as dinâmicas “des-re-territorializantes” que marcam o social (Lemos, 2007a:6).

Por outra parte, para André Lemos (2008), lidar com a questão do território trata-se de igual maneira de definir um novo termo, sendo este “território informacional”. Tal conceito consiste em uma zona de intersecção entre o ciberespaço e o espaço urbano, criando-se um

lugar interdependente dos espaços físico e eletrônico. Assim, para o teórico, o novo lugar sobre o qual se constitui o território está agora configurado por atividades sociais que criam pertencimentos sejam estes simbólico, econômico, afetivo, ou incluso informacional.

Todo grupo social é por princípio associado a um território, fundando o lugar em relação à generalidade do espaço. O local é fundador da relação com o mundo do indivíduo, mas igualmente da relação com o outro, da construção comum do sentido que faz o vínculo social. Sua irredutibilidade se funda numa diferenciação radical entre a co-presença e a comunicação através dos dispositivos e artefatos...'. (Bourdin apud Lemos, 2008:15)

O território de hoje depende da imaginação nas suas formas coletivas, sendo esta quem cria “idéias de comunidade, de bairro, de nação, de economias morais e governos injustos, de salários mais altos e perspectivas de trabalho no estrangeiro” (Appadurai, 2004:20). A imaginação é hoje um palco para a ação e não apenas para a evasão e gera um território possível graças à “comunidade de sentimentos” nele inscrita (Appadurai, 2004:20). Esta comunidade consiste em um grupo que começa a sentir e imaginar coisas em conjunto, e que se tornou possível pelos meios de comunicação em massa. O que Diana Crane chamou de “coletivos invisíveis” (apud Appadurai, 2004:20), referindo-se a critérios de prazer, gosto ou relevância, partilhados coletivamente a partir da imaginação e que repercute na ação coletiva.

Deve-se ter em conta que as definições e vivências do local mesmo têm se estilizado, não pertencendo mais a circunstâncias espaciais definidas e finitas onde comunidades se assentam, mas se estendendo este conceito até as bordas nas quais acontecem efetivamente os espaços com os quais distintos grupos mantêm e ampliam contato, seja isto por meio do comércio de bens, assim como pela migração de seus habitantes, e acolhimento de imigrantes, ou pelo fluxo de informações que enviam e recebem por via eletrônico (Dos Anjos, 2005:15). Segundo Moacir dos Anjos (2005:15), o que distingue uma cultura local de outras quaisquer não são os sentimentos de clausura, afastamento ou origem, mas as formas específicas pelas quais uma comunidade se posiciona num contexto de interconexão e estabelece relações com o outro.

Assim, a cultura global, ou aquela difundida a partir das regiões hegemônicas, principalmente Europa e Estados Unidos, está já

implicada na noção de culturas locais. E é também pelas respostas a esse movimento de agressiva difusão do hegemônico que o entendimento do que é cultura local deve incluir as recriações globais, sejam elas feitas com intenção ou não. São elas diversas e novas posições locais que são, pela sua vez, introduzidas no circuito mundial de informações (Dos Anjos, 2005:15).

O mesmo processo acontece com a constituição das identidades em que o ponto definitivo é uma individuação sempre aberta e coletiva, “resultante de uma apropriação de singularidades” (Lemos, 2007:11).

Graças às mudanças nos novos fluxos de informação entre global e local, a noção de identidade cultural move-se do âmbito do que parece ser espontâneo e territorializado para o campo aberto do que é constante “(re) invenção” (Dos Anjos, 2005:14).

É nessas junções do local com o global a partir das quais devemos promover as novas criações das manifestações artísticas locais, cientes de que a amplitude dos novos fluxos de informação gerou novas configurações identitárias. Estas novas identidades do contexto contemporâneo das trocas comunicativas vêm-se num processo constante de negociação da diversidade, gerando identidades impuras nas quais se entrecem formas culturais antes inexistentes. Uma identidade que tem se tornado móvel (Strathern e Stewart, 1999:41), numa relação instável e em constante contraste com a diferença, na qual não cabe pensar como ligada a uma entidade territorial pré-dada, nem em função a um sedentarismo agora inexistente, nem em termos de uma nostalgia pelas origens.

De não se considerarem estas dinâmicas corre-se o risco de ser um essencialista deslocado do tempo certo. É sobre este fenômeno que no contexto contemporâneo se produz o caráter multicultural das sociedades contemporâneas. Esta multiculturalidade pela sua vez deve descartar a idéia de aculturação por ser ela inadequada, já que o termo implica “a completa assimilação de uma cultura (dominante) por outra (dominada), através de uma bem definida relação de poder em que não há espaço para permuta alguma e, conseqüentemente para a recriação local de sistemas de representação” (Dos Anjos, 2005:16).

É mais adequado para descrever os encontros promovidos pela globalização o termo “transculturação, o qual invoca a contaminação mútua, em um mesmo tempo e lugar, de expressões culturais antes

aparatas por injunções históricas e geográficas” (Dos Anjos, 2005:16).

O termo local se encontra tão misturado em relação ao global que autores propõem deter a discussão em torno à globalização, trocando-a por glocalização. Este conceito foi sugerido por Paul Virilio já em 1995 e faz referência a uma mistura de global e local, nem uma nem outra e nenhuma em detrimento da outra, mas como processos imbricados e contrastantes geradores de uma nova dinâmica, impossível de ser reduzida às outras duas (Trivinho, 2007:242). “Passamos assim do global mundial ao global como particular: Glocal” (Lemos, 2004:15).

À globalização econômico-financeira das nações se soma a explosão dos localismos político-culturais. Esta complexa teia de valores é o que há favorecido a configuração do glocal. O contexto local (está) umbilicalmente vinculado (por exemplo) aos conteúdos da rede como dimensão representativa do universo global.
(Trivinho, 2007:247)

No entanto, as desigualdades na relação que tem se forjado entre local e global são evidentes, fazendo com que os novos valores éticos e estéticos emergentes, estabelecidos a partir dos circuitos periféricos, não consigam ter uma representatividade justa em relação aos hegemônicos. Como afirma Mary Louise Pratt (apud Dos Anjos, 2005:16) com sua definição das “zonas de contato” onde os processos de transculturação ocorrem e são testemunhas das desigualdades que presidem tais relações e que são por elas reproduzidas. Através da redução de um genuíno interesse pela “diferença cultural” a uma atração pelo “exótico” se abandona o contato entre hegemônico e periférico a uma arrogante prerrogativa, reclamada pelas regiões hegemônicas, de estabelecer modelos de representação simbólica para aqueles situados à sua margem.

A diluição da diferença no exótico reafirma que o mundo encontra-se hierarquizado entre culturas que se proclamam universais (globais), e outras que seriam, do ponto de vista daquelas, particulares (locais), o que manifesta desequilíbrios nos termos em que se fazem as trocas simbólicas mundiais. Estes termos, para Nelly Richards (apud Dos Anjos, 2005), resultam do controle financeiro, pela Europa e pelos Estados Unidos e da rede comunicativa que torna tais intercâmbios possíveis (Dos Anjos, 2005:16).

O “centro” da rede, conformado por empresas e instituições, emprega sua “autoridade” para legitimar a produção ali construída a partir de seus cânones. E se tal centro tem desenvolvido um denso controle e dessa rede, diminui a capacidade dos locais frente à globalização de questionar o lugar privilegiado deste centro como formulador de sentidos simbólicos efetivamente globais (Dos Anjos, 2005:17).

Por outra parte, é assimétrico o fluxo de informação mundializado, muito mais voluminosos no sentido das regiões centrais para as periféricas do que no sentido contrário, o que faz com que as informações produzidas no centro sejam melhor difundidas e afirmadas do que as ressignificações que delas são feitas a partir de culturas locais (Dos Anjos, 2005:17).

Esta assimetria está presente na forma de entrelaçamento da rede de comunicações que torna possíveis as trocas culturais, baseadas mais em relações “radiais” a partir dos centros, do que “transversalmente” entre espaços da periferia, deixando vazios de interlocução entre localidades diversas já seja fisicamente próximas ou distantes, às que Geraldo Mosquera chama de “zonas de silêncio” (apud Dos Anjos, 2005:18).

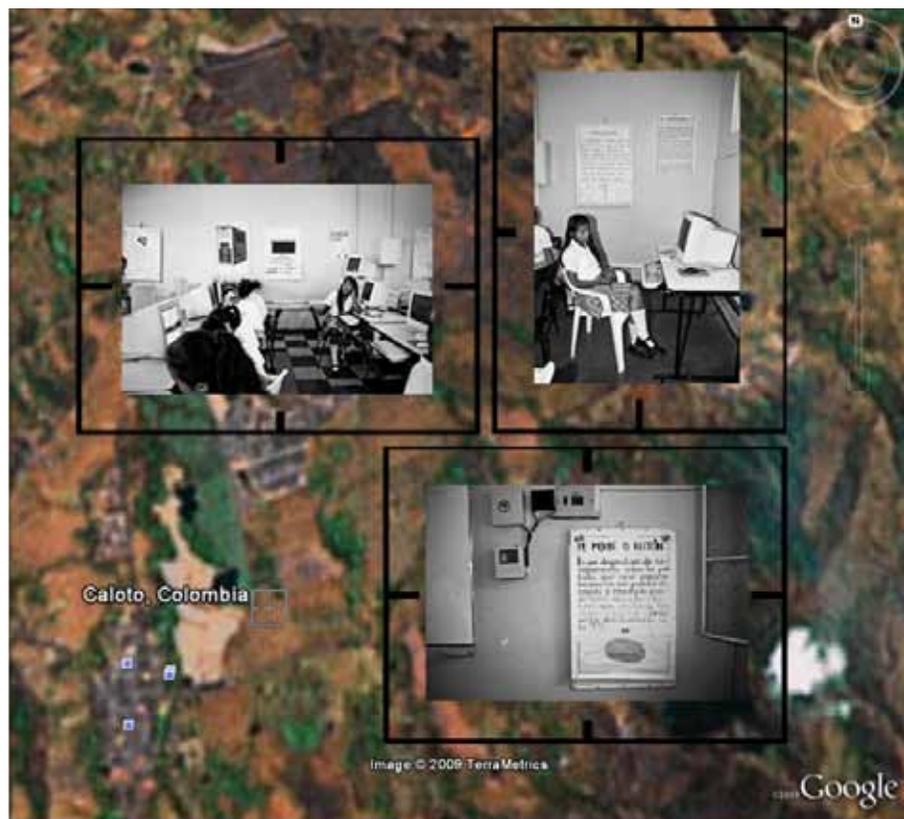
A maneira como as produções simbólicas podem ser difundidas entre regiões periféricas, aclara Dos Anjos (2005:17), depende de atitudes de resistência e cooperação transnacional entre aquelas regiões e caberia nos perguntar novamente pela atitude encarada nas produções culturais destas regiões, incluindo a arte.

A análise da complexa e desigual relação de negociação e permuta entre sistemas simbólicos distintos tem sido empreendida pelo uso de termos como “mestiçagem” ou “mistura entre raças distintas, fusão harmônica entre diferentes, ocultando as desigualdades e contradições fundamentais que persistem em toda relação intercultural” (Dos Anjos, 2005:18). Ou como anota Arturo Escobar (2005:142), estes fenômenos de contato entre o local e o global devem ser medidos em termos de reciprocidade, proteção e/ou predação entre eles. Trata-se de uma experiência constituída por uma complexa relação de compatibilidades e congruências, assim como antagonismos e resistências. Mesmo existindo um principal e um subordinado, constrói-se um diálogo entre eles (Said, 1999:75).

A proposta de Escobar consiste em rever o lugar considerando-o equiparável à cultura local ou antagonista da globalização; sendo

uma discussão do local pertinente para repensar a globalização junto com as alternativas ao capitalismo o que se instaurou como única opção econômica (Escobar, 2005:150). E isto se faz importante já que políticas de estado têm levantado o debate sobre, por exemplo, a língua inglesa como vínculo identitário dos imigrantes nos Estados Unidos (Appadurai, 2004:24).

Como já mencionamos, as culturas locais de grupos subjugados procuram com gosto às globais, tomando como se fossem seus elementos do grupo hegemônico, ressignificando-os de modo original. Isto faz que aqueles em posição subordinada encontrem estratégias de participação que conduzem à afirmação de suas identidades, (Dos Anjos, 2005:23-24) fenômeno este que sucedia espontaneamente por fora do universo virtual e que podemos agora aplicar às nossas relações com a cibercultura já que nascemos na mistura, do sincretismo e do pluralismo cultural. Cabe então “aproveitar esse conhecimento nato e corporal para poder participar ativamente da cibercultura e criar novos territórios recombinantes” (Lemos, 2007:15).



↑Una aproximación a un lugar fantasma de Google Earth con 3 detalles del estudio de las nuevas tecnologías hecho por los jóvenes locales.

O “local” está associado com “lugar”, entendendo ele numa dupla: como o ponto da rede formada pela conjugação da horizontalidade e da verticalidade, segundo o conceito de Milton Santos (1996) (apud Moreira, 2007:8), e o lugar como espaço vivido e clarificado pela relação de pertencimento, de Yi-Fu Tuan (1983) (apud Moreira, 2007:8). No conceito de Santos, a horizontalidade é a contigüidade física que integra as relações internas numa única unidade de espaço e a verticalidade o plano que integra as relações externas com outras horizontalidades (apud Moreira, 2007:6). Esta condição leva a Milton Santos (apud Moreira, 2007:8) a assegurar que é o lugar que existe, e não o mundo; sendo as coisas e as relações do mundo organizadas no lugar. Mundializa-se o lugar e não o mundo. Para Yi-Fu Tuan (apud Moreira, 2007:8) lugar é o sentido de pertencimento, a identidade biográfica do homem com os elementos de seu espaço vivido. No lugar, cada objeto ou coisa tem uma história que se confunde com a história de seus habitantes, assim compreendidos justamente por não terem com a ambiência uma relação de estrangeiros. E, reversamente, cada momento da história de vida do homem está contada e datada na trajetória ocorrida de cada coisa e objeto, homens e objetos se identificando reciprocamente. A globalização não extingue, antes impõe, que se refaça o sentido de pertencimento em face da nova forma que cria o espaço vivido (Moreira, 2007:6-7). Assim, é preciso estar inserido num lugar, para estar inserido na geopolítica da rede, sendo o controle da verticalidade que dá o controle da rede (Moreira, 2007:8).

Com a globalização novas maneiras de assumir o imaginário individual e social em relação à identidade, reverberam na sensibilidade, criando novos critérios de intimidade e distância e alterando a ordem social das sensibilidades cotidianas (Trivinho, 2007:344). Só cabe ressaltar novamente que neste contato entre centro e periferia prevalece o centro, assim como não existe o contato formalizado entre periferias, impossibilitado este por dinâmicas da ordem do mercado. Para André Lemos (2004), a liberdade e a identidade não devem ser opostas, mas complementares. Assim, a cibercultura está instaurando um movimento global de trocas, de compartilhamento e de trabalho colaborativo, independente de localidade ou espaço físico, independente do *locus* cultural e/ou identitário, fazendo com que se trate talvez de uma das facetas mais interessantes do atual processo de globalização.

Neste processo a identidade, a diversidade e a riqueza de uma cultura só se estabelecem pelo contato e não pelo isolamento (Lemos, 2004:9). Como já tínhamos mencionado estas dinâmicas estavam presentes nas culturas por fora do virtual, tal como no caso da América Latina, cuja identidade é o produto da vivência quotidiana de diversas apropriações criativas e acumulativas de diferentes influências culturais (Lemos, 2004:10): “Nossa identidade, se é que podemos falar no singular, só é possível pela criação autêntica a partir do uso de diversas influências de origem europeia, indígena e africana” (Lemos, 2004:10).

É assim como não só graças às NTC idéias como cultura e identidade têm sido desde sempre da ordem do “copyleft” o que reverte nossa riqueza como uma identidade construída com influências alheias, por apropriações diversas, por mútuas e complexas interpenetrações (Lemos, 2004:10).

Assim como, por outra parte, segundo Moreira (2007:10), a experimentação da diversidade é que faz o homem sentir-se no mundo e sentir o mundo “como mundo do homem”. Ter então uma raiz é um processo que se confunde com a maneira de perceber o espaço, de vivê-lo, simbólica e conceitualmente como uma relação metabólica em que dar-se e trazer o diverso para habitar no espaço do homem, é o que possibilita o pertencimento, a ‘mundanidade’.

Desta maneira, se deve compreender o lugar como o espaço, ou modo de existência do homem, incluindo-o como um elemento essencial de sua ontologia, e permitir ao homem mais do que ver, pensar o lugar como seu modo de ser (Moreira, 2007:16). Como afirma Cassier (apud Santos, 1982:58) a diferenciação de lugares serve de base para a diferenciação de conteúdos, do Eu, Tu, Ele, de um lado, e dos objetos físicos do outro, sendo este posicionamento em relação à diferença a condição indispensável ao ato de se relacionar.

As novas dinâmicas das NTC fazem que a mesma idéia da identidade sofra mudanças, sendo elas as que a conformam de modo tão indiscutível como antes se atribuía à identidade nacional a fala de uma língua materna. Os novos processos comunicacionais erigem uma identidade como processo, isto é, como virtual; como “anti-dado, anti-coisa-pronta” (Trivinho, 2007:138-391); enfim, como produto do “frenesi da globalização”, como “identidades desterritorializadas” (Escobar, 2005:151).

A proposta consistiria em que as criações artísticas fossem “glocais” tendo em consideração a complexidade do contexto com o qual está lidando, e entendendo as perspectivas éticas e estéticas da arte atual feita de fora dos centros hegemônicos já que as condições sociotecnológicas, tanto mais por sua gravidade, não somente redefinem, no âmbito político da estética, o estatuto da arte, senão ainda sugerem o reescalonamento de seu papel social e cultural.

Não podendo (ou não devendo), por constituição originária e/ ou por princípio identitário, desvincular-se da lógica do entorno -melhor, do estado da arte dele-, não pode, ou não poderia, por conseguinte, esquecer-se dos processos simbólicos invisivelmente predominantes, sob pena já não tanto de anacronismo, mas a partir dessa “disritmia” temporal, de ingenuidade política. (Trivinho, 2007:225)

Sobre a questão do contexto dentro e a partir do qual falam os artistas das NTC fica-nos se faz então importante exercer uma ênfase no assunto do local, prevendo que um novo perigo se erija. Este é o de evidenciar ainda mais a brecha entre periferia e centro, fazendo com que a balança ceda seu peso agora ao “local”, como se se tratasse não de uma nova força política, mas remetendo ao mesmo absurdo sentimento nacionalista do qual tem se nutrido tantos conflitos, só que agora apresentando-o de uma forma invertida.

E não é esse o propósito. A intenção é dar uma voz ao “local”, mais para que sua representação dentro da arte das NTC reforce sua identidade e seu valor, já que estes têm sido passados por alto gerando um desequilíbrio.

Conclusões

Em um contexto que prefere a produção à efetiva conexão, no qual os periféricos se relacionam às novas tecnologias mesmo porque não queiram ou não possam participar delas, fazendo com que se tornem mais invisíveis e tendam a desaparecer (Garcia dos Santos, 2003:10), se faz crucial que a arte se aproxime, tomando uma posição e cumprindo com sua função crítica.

Em um contexto como o Brasileiro em que só 33% da população tem acesso à internet (IBOPE e IBGE, 2009) é importante incluir pontos de vista politizados na discussão sobre o lugar e as diversas apropriações das novas tecnologias. Por meio deste processo dever-se-ia sustentar a produção de trabalhos de arte decididamente locais.

Como uma maneira de promover diversos usos das novas tecnologias comunicacionais, é preciso que se carregue o debate com posições antagônicas e de conflito, com o propósito de descrever corretamente a complexidade de nosso contexto tecnológico e social. É assim como a arte é chamada a se constituir como uma ferramenta importante na exposição e criação de memórias das diversas sensibilidades contemporâneas.

Finalmente, os artistas das periferias têm a oportunidade de usar as NTC como uma nova arena a partir da qual se faz possível pensar na diminuição da carência de conectividade entre as zonas forçadas a ficar no silêncio, obtendo estes artistas mesmos, eles e elas, voz.

Referencias

- Appadurai, Arjun.** (2004). *Dimensões culturais da globalização*. Lisboa. Editora Teorema.
- Dos Anjos, Moacir.** (2005). *Local/Global: Arte em trânsito*. Rio de Janeiro. Arte + Jorge Zahar Editor.
- Escobar, Arturo.** (2005) *O Lugar da Natureza e a natureza do lugar: Globalização ou Pós- desenvolvimento?* In: *A Colonialidade do Saber. Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas latino-americanas*. Organizador Edgardo Lander. Edit. Clacso. Buenos Aires. Tradução Júlio Silva.
- Garcia dos Santos, Laymert.** (2003). *Politizar as Novas Tecnologias: O Impacto Sócio-Técnico da Informação Digital e Genética*. Rio de Janeiro, Editora 34.
- IBGE. acessado em 07/10/09, In:
[<http://www.cabecadecua.com/noticias/29788/ibge-populacao-brasileira-e-de-1896-milhoes-.html>]
- IBOPE. acessado em 07/10/09, In:
[<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortallBOPE&pub=T&nome=impressao&db=cald&docid=8411DFBF6DFF8E02832575EB004ED394>]
- Lemos, André.** (2004). *Cibercultura e Identidade Cultural*. Em *direção a uma cultura copyleft?*. In *Contemporanea*. Revista de Comunicação e Cultura. Edit Facom/UFBA. Acessado em 01/03/09,
[<http://www.andrelemos.info/artigos/copyleft.pdf>]
- Lemos, André.** (2007). *Cibercultura como Território Recombinante*. In: *Territórios Recombinantes*. São Paulo. Edit. Fundação Sérgio Motta. Acessado em 01/03/09,
[<http://www.andrelemos.info/artigos/recombinante.pdf>]
- Lemos, André.** (2007a). *Ciberespaço e Tecnologias Móveis: processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura*. In *Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática*. Porto Alegre, Editora Sulina. Acessado em 01/03/09, [<http://www.andrelemos.info/artigos/micronacao.pdf>]
- Lemos, André.** (2008). *Mídia Locativa e Território Informacional*. In *Estéticas Tecnológicas. Novos Modos de Sentir*, organizado por Priscila Arantes e Lúcia Santaella. Editora EDUC/SP. Acessado em 13/04/2009, [http://www.andrelemos.info/artigos/midia_locativa.pdf]
- Machado, Arlindo.** (2007). *Arte e Mídia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda.
- Moreira, Ruy.** (2007). *Da Região à Rede e ao Lugar: a Nova Realidade e o Novo Olhar Geográfico Sobre o Mundo*, acessado em 05/05/09 [http://www.uff.br/etc/UPLOADS/etc%202007_1_3.pdf]

Said, Edward. (1999). *Cultura e Imperialismo*. Rio de Janeiro. Companhia das Letras.

Santos, Milton. (1982). *O Presente como Espaço*. In: *Pensando o Espaço do Homem*. São Paulo. Editoria Hucitec.

Santos, Milton. (2000). *Por Uma Outra Globalização. Do Pensamento Único à Consciência Universal*. Rio de Janeiro. Editora. Record.

Strathern, Andrew e Stewart, Pamela J. (1999). *Global, Nacional, Local: Escalas Móveis, Temas Constantes*. In: *Globalização e Identidade Nacional*. Organizador João Rodrigues Barroso. São Paulo, Editora Atlas. P. 39-64.

Trivinho, Eugênio. (2007). *A Dromocracia Cibercultural. Lógica da Vida Humana na Civilização Mediática Avanzada*. São Paulo. Editora Paulus.

(Artículo recibido: 15-10-2009; aceptado 17-10-2009)